

Embrapa

48 anos

Cinco décadas de inovação agropecuária

**Celso Moretti
Presidente**

Audiência Pública

**Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e
Desenvolvimento Rural
- CAPADR -
Outubro - 2021**

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



Sumário

O motor da economia brasileira

Agricultura movida a ciência

A Embrapa

Agricultura de baixo carbono

Perspectivas futuras



<http://silkedewilde.com/>

O motor da economia brasileira Hoje e amanhã!

Tereza Cristina: exportação agropecuária em alta não ameaça abastecimento interno



Ministra da Agricultura, Tereza Cristina
IMAGEM: UESLEI MARCELIANO

Cenários Forte aumento em 2021 será novamente puxado pela soja

Produção no campo vai ultrapassar R\$ 1 trilhão

Valor Bruto da Produção
VBP: dos principais produtos agropecuários do país (R\$ bilhões)



Fernando Lopes
De São Paulo

O forte ritmo de crescimento do Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária brasileira, puxado por aumentos de produção e preços nos principais segmentos em 2020, terá prosseguimento em 2021 e o montante deverá superar pela primeira vez a marca de R\$ 1 trilhão, apontaram estimativas divulgadas ontem pelo Ministério da Agricultura. Segundo os novos números da Pasta, serão R\$ 1.025,9 bilhões no ano que vem, 15,7% mais que o recorde previsto para 2020 (R\$ 885,9 bilhões, mais de 15,1% em 2019).

O Brasil é um dos cinco maiores produtores agropecuários do mundo, em ranking liderado por China e EUA, e é o terceiro maior exportador. Mas em superávit da balança do setor é o líder, com soja, segundo levantamento divulgado recentemente pela Organização Mundial do Comércio (OMC), o saldo foi de US\$ 71,5 bilhões no ano passado. Na segunda posição apareceu a União Europeia, com US\$ 35,2 bilhões.

Para o VBP das 21 lavouras que compõem o levantamento, a expectativa é que o total chegue a R\$ 707,7 bilhões em 2021, um aumento de 18,2% na comparação com o cálculo para este ano (R\$ 599 bilhões, 19,2% mais que em 2019). É e entre as culturas agrícolas que está o maior destaque tanto de 2020 quanto de 2021. Com co-

lheitas e preços recorde, a soja, carro-chefe do agronegócio brasileiro, deverá alcançar VBP de R\$ 237,7 bilhões neste ano, 40,4% acima do valor de 2019 (R\$ 129,6 bilhões no ano que vem, um avanço de mais 38,2%). Du soja, se esse cenário for confirmado em dois anos o valor bruto da produção do grão praticamente dobrará.

Também para o milho são boas perspectivas, novamente embaladas por colheitas recorde e preços mais altos — em parte, como no caso da soja, por causa do câmbio. O ministro projeta o VBP do cereal em R\$ 94,6 bilhões em 2020, 20,9% superior ao de 2019, e em R\$ 112,8 bilhões em 2021, aumento de 19,3%.

Entre as lavouras mais relevantes, também vão crescer em 2021 os VBPs do arroz (20,3%, para R\$ 20,1 bilhões), da batata (26,4%, para R\$ 12,2 bilhões), do cacau (13,8%, para R\$ 3,9 bilhões), do tomate (6,8%, para R\$ 12 bilhões), do trigo (11,8%, para R\$ 9,1 bilhões) e da uva (7,2%, para R\$ 6,2 bilhões). Mas há quedas projetadas para banana (1,2%, para R\$ 11,7 bilhões), café (5,8%, para R\$ 12,1 bilhões) e cana-de-açúcar (3%, para R\$ 69,1 bilhões).

Para o conjunto das cinco principais cadeias da pecuária, o ministério elevou sua projeção para o VBP no ano que vem para R\$ 317,6 bilhões, um incremento de 10,7% ante 2020 (R\$ 286,8 bilhões, 7,3% mais que em 2020). O segmento é puxado pelos bovinos, cujo VBP deverá atingir R\$ 124,2 bilhões este ano, 14,5% acima do resultado de 2019, e R\$ 139,9 bilhões em 2021, um aumento de mais 12,6%.

Para o frango, o ano que vem promete ser de recuperação. Há uma queda de 4,1% prevista para 2020, para R\$ 77,2 bilhões, mas um crescimento de 11,6% previsto para 2021, para R\$ 86,2 bilhões já para os vituínos, cujo VBP deverá aumentar 21,8% em 2020, para R\$ 26,9 bilhões, a Pasta projeta nova alta, de 18,3%, para o ano que vem, para R\$ 31,6 bilhões.

Para o cenário positivo traçado pelo ministério para as próximas semanas, as perspectivas positivas para as exportações, sobretudo para a China, e também para o mercado doméstico em função da provável recuperação da economia depois de demanda da pandemia da covid-19.

Ainda na penúltima, projeta o ministério, o VBP do leite deverá chegar a R\$ 44,9 bilhões em 2021, 6,2% acima do resultado previsto para este ano. Já o valor da produção de ovos deverá cair 9,7%, para R\$ 14,6 bilhões, depois de um crescimento de 10,1% em 2020.

Mais em www.agricultura.gov.br



17 de junho de 2020 às 17h08

'Em meio à pandemia, agro segue como alicerce da economia do Brasil'

A pandemia do novo coronavírus impactou diversos setores da economia, mas não mudou o papel do agronegócio como alicerce da economia brasileira, destacou José Mário Schreiner, vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). "O setor tomou para si a responsabilidade de garantir segurança alimentar para a população brasileira e do mundo", diz.

Agronegócio bate recordes e amplia mercado apesar de pandemia de Covid

Setores como proteína animal, soja e café têm obtido destaque no mercado externo ajudados por câmbio favorável

FOLHA DE S.PAULO



Produção Agrícola Anual

(em milhões de toneladas)



Grãos
252,70
(2019/20)



Frutas
~60
(2020)



Carnes
28,10
(2020)

Leite
35,24
(2020)



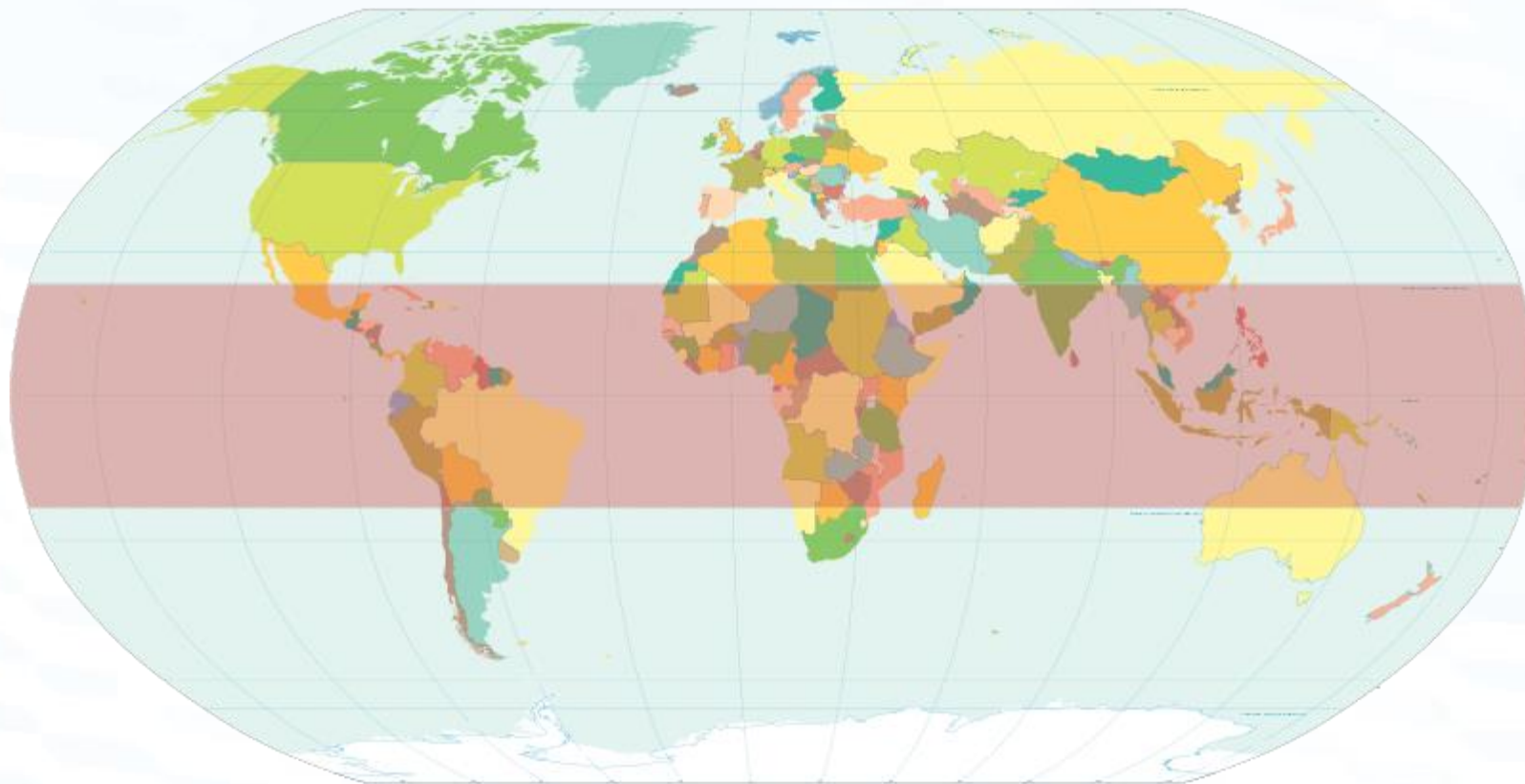
300 espécies
350 tipos de produtos
200 mercados em todo o mundo



**Em 4 décadas, redução de 40%
no preço da cesta básica.
Menor custo de produção, mais
dinheiro no bolso do trabalhador**

***Mas a situação era bem diferente
há 5 décadas.....***

O desafio da produção no cinturão tropical



**A área mais desafiadora para a agricultura
em todo o planeta**



Década de 70: importador de alimentos, pobreza rural, ausência de tecnologia tropical, crise de abastecimento



**As visitas de Norman Borlaug na
década de 70 e no início dos anos 2000**



*Agricultura
movida a
Ciência*

**Em 5 décadas o Brasil foi capaz de
criar um modelo sustentável e
competitivo de agricultura tropical,
sem paralelo no mundo**



Agricultura tropical movida a ciência

A pesquisa pública abriu caminho para um setor privado ágil, pujante e empreendedor

Transformação de solos ácidos e pobres em solo fértil



“Tropicalização” de variedades e animais

Desenvolvimento de uma plataforma de Produção Sustentável



Sustentabilidade impulsionando o agro

Plantio direto protege o solo, incorpora carbono e economiza água



Sustentabilidade impulsionando o agro

**Integração Lavoura, Pecuária e Floresta
- competitividade aliada à sustentabilidade -**

ESPAÇO ABERTO

Sustentabilidade: uma bússola para a agricultura

Celso Moretti

A medida que cresce na sociedade global a consciência de que o nosso planeta tem recursos finitos, que necessitam ser usados racionalmente e com inteligência, aumenta também, de maneira proporcional, a preocupação com a sustentabilidade. Dentre inúmeras interpretações e definições possíveis, sustentabilidade pode ser considerada como um processo de reconciliação entre os sistemas humanos e a natureza – em especial a atmosfera, os recursos hídricos, os biomas e a diversidade de seres vivos que os povoam.

Se, em 2008, o Relatório de Riscos Globais do Fórum Econômico Mundial apontava que os principais fatores de risco identificados por executivos em todo o mundo eram econômicos, em 2021 a situação é diferente. Um dos maiores fundos de investimento do mundo, por exemplo, adotou uma série de iniciativas para posicionar a sustentabilidade no coração da sua estratégia. Foi além: vaticinou que não existe negócio ou setor da economia global que não será afetado por mudanças do clima

até 2050.

Diante disso, somente com união e foco claro na sustentabilidade conseguiremos nos adaptar e mitigar os efeitos das mudanças do clima. Vários países e empresas já fizeram seus compromissos na direção de uma economia neutra em carbono (*net-zero economy*). A China fixou o ano de 2060. O Brasil cravou 2050. Empresas do setor de proteína animal e de laticios miram 2040. Para chegar lá, é importante que as métricas estejam claramente postas. Afinal, quem não mede não gerencia.

Uma das métricas que mais se destacam em todo o mundo é a conhecida por ESG – do inglês *Environmental, Social and Governance*. O conceito foi definido na Europa visando a viabilizar a medição dos impactos de investimentos, empresas e negócios. Há grande entusiasmo em torno dessas três letras. A aposta é de que investidores e acionistas estarão cada vez mais interessados em ganhos sustentáveis de longo prazo. Por sua vez, consumidores estão clamando por produtos mais sustentáveis (*eco-friendly*) e comportamento corporativo responsável.

A produção de alimentos brasileira caminha a passos largos na direção de uma economia neutra em carbono

Mas partir do discurso para a ação leva tempo. E não é trivial nem barato. A maior parte dos compromissos de redução de emissão vem de empresas que estão procurando reduzir os gases de efeito estufa (GEEs) ligados diretamente ao negócio que possuem ou controlam e da geração de energia, calor ou vapor. São os

chamados escopos 1 e 2. Por outro lado, apenas 25% das empresas se comprometem a reduzir suas emissões em elos que não são controlados diretamente por elas, como transporte aéreo e cadeia de suprimentos (escopo 3). O detalhe é que as emissões associadas ao escopo 3 podem estar relacionadas a mais de 50% das emissões das diferentes empresas em todo o mundo.

É um cenário desafiador. A onda ESG vai impactar a produção de alimentos no Brasil. Agricultura e os sistemas alimentares são altamente dependentes de recursos naturais como água, solo e biodiversidade – além de serviços da natureza, como decomposição de resíduos, ciclagem de nutrientes, controle de erosão, polinização, sequestro de carbono, entre muitos outros. Dependem também, basicamente, de energia fóssil.

A boa notícia é que a agricultura brasileira vem, há décadas, investindo em descarbonização, com tecnologia agrícola e políticas públicas robustas. Os resultados são claros e palpáveis. Código Florestal, Plano Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC) – que agora entra em sua segunda década (ABC+) –, Renovabio e PronaSolos são políticas públicas que apoiam a agricultura brasileira na direção da sustentabilidade. Plantio direto, integração lavoura, pecuária e floresta e fixação biológica de nitrogênio, entre outras, são tecnologias amplamente adotadas que contribuem para a descarbonização. A agricultura de baixo carbono está, definitiva-

mente, na agenda da inovação.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e parceiros já lideram o desenvolvimento de tecnologias e práticas “carbono neutro”, concebidas para bem posicionar a agricultura e os alimentos do Brasil diante das métricas que definirão produção e consumo sustentáveis no futuro. Em 2019, lançamos a carne carbono neutro. Neste ano, iniciamos o programa soja de baixo carbono. Leite, café, algodão e bezerro de baixo carbono estão a caminho.

Em novembro próximo, teremos a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática de 2021 (COP-26), em Glasgow. O mundo inteiro discutirá o que pode ser feito para enfrentarmos as mudanças do clima de forma efetiva. Em agosto passado, o presidente da COP-26, Alok Sharma, visitou o Brasil. Conheceu, na Embrapa, o sistema de integração lavoura, pecuária e floresta. Ficou atônito. Mais espantado, ainda, quando soube que os solos são verdadeiros sumidouros de carbono. Mais precisamente, 30% de todo o carbono está ali aprisionado. Entre uma foto e outra e num vídeo que viralizou nas redes sociais, disse: “Vocês precisam mostrar isso para o mundo”.

A produção de alimentos brasileira caminha a passos largos na direção de uma economia neutra em carbono. Como ele disse na ocasião, precisamos mostrar isso para o mundo. Não há tempo a perder.

PRESIDENTE DA EMBRAPA



A Embrapa

Um Robusto Sistema de Pesquisa e Inovação

Embrapa

- Empregados: 8.100
- Pesquisadores: 2.200
- 43 Centros de Pesquisa
 - . 11 Centros Temáticos
 - . 15 Centros de Produto
 - . 17 Centros Ecorregionais
- 34 portfólios de projetos: cadeias e temas estratégicos
- +70 programas de melhoramento genético
- Cooperação científica - Labex EUA e Europa
- Cooperação técnica - África e América Latina





**Embrapa Agrossilvipastoril
Sinop - MT**

Um Robusto Sistema de Pesquisa e Inovação

34 Portfólios de Projetos

Cadeias e temas
estratégicos para o agro
brasileiro

Agricultura Irrigada	Inovação Organizacional
Alimentos: Segurança, Nutrição e Saúde	Inovação Social na Agropecuária
Amazônia	Insumos Biológicos
Aquicultura	Integração Lavoura Pecuária e Floresta
Automação e Agricultura de Precisão e Digital	Inteligência, Gestão e Monitoramento Territorial
Café	Leite
Carnes	Manejo Racional de Agrotóxicos
Convivência com a Seca	Recursos Genéticos
Diversificação e Nichos de Mercado	Mudanças Climáticas
Energia, Química e Tecnologia da Biomassa	Nanotecnologia
Engenharia Genética no Agronegócio	Pastagens
Fibras e Biomassa para Uso Industrial	Recursos Genéticos
Florestal	Sanidade Animal
Fruticultura Temperada	Sanidade Vegetal
Fruticultura Tropical	Serviços Ambientais
Grãos	Sistemas de Produção de Base Ecológica
Hortaliças	Solos do Brasil



Entregas recientes

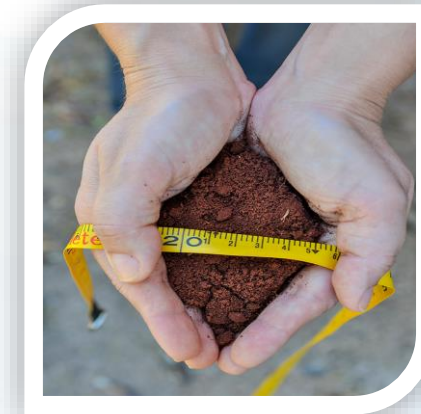
Entregas recentes



Carne Carbono Neutro



BiomaPhos



Bio Análise dos solos



Plataforma Digital
PronaSolos



Trigo nos
Cerrados

>> entrevista CELSO MORETTI

Presidente da Embrapa diz que empresa tem desenvolvido variedades da cultura, típica de regiões temperadas, para o clima quente e seco do Planalto Central. E fala dos planos para o futuro da companhia, uma das responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura brasileira

Trigo expande-se no Cerrado

■ ISRAEL MEDEIROS*

O Cerrado brasileiro pode dobrar a área de produção de trigo no país. É o que revela Celso Moretti, presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Em entrevista ao *CB.Agri* — uma produção do *Correio Braziliense* e da *TV Brasil* —, ele afirma que a empresa tem desenvolvido variedades de trigo adaptadas ao clima seco e árido da região central do país. Isso permitiria um crescimento expressivo na área plantada. Ele também destaca a atuação da ministra da Agricultura, Tereza Cristina, na busca por novos mercados para os produtos brasileiros.



Só no Cerrado, temos oportunidade de dobrar a área de trigo no Brasil. Ou seja, podemos ser autossuficientes nesse setor”

Como tem sido a atuação da Embrapa durante a pandemia?
Desde que a pandemia foi decretada, em 11 de março, a Embrapa tomou a decisão de que seguiria com suas atividades. Obviamente, tomamos todo o cuidado de distanciamento social dos nossos colaboradores. Hoje, mais de 80% das nossas equipes estão em isolamento social, em teletrabalho. Por meio de revezamentos, conseguimos nosso trabalho. Em abril, completamos 47 anos e lançamos uma série de tecnologias para apoiar esse setor que é um dos mais importantes da economia brasileira.

Fala-se muito em agricultura com ciência. A Embrapa tem desenvolvido novas pesquisas?
A agricultura brasileira é movida à ciência. O desenvolvimento do setor ao longo das últimas cinco décadas foi fortemente calcado na ciência. E Embrapa, as universidades, as organizações estaduais, deram uma contribuição significativa para que o Brasil se transformasse de um país que importava alimentos, na década de 1970, em um dos maiores produtores de alimentos, energia e um dos maiores exportadores do mundo. A Embrapa continua dando suporte para que o setor continue em crescimento.

Como está a questão da bioeconomia da Amazônia?
Economia de base biológica,

ou bioeconomia, é uma das prioridades da Embrapa para o biênio 2020/2021. Se remontamos há algumas décadas, tivemos a economia que era baseada em extrativismo, depois economia fóssil e, agora, bioeconomia. O Brasil tem a maior biodiversidade do mundo e isso tem muito a ver com a Amazônia. O que defendemos é que seja feita uma exploração sustentável desses recursos naturais de animais, plantas e micro-organismos. Inclusive, um exemplo é a redução de pesticidas na agricultura brasileira, identificando compostos que funcionem como biopesticidas. Podem-se descobrir resinas que venham a contribuir para a indústria farmacêutica.

Como estão as pesquisas da Embrapa para as outras regiões do país?
A Embrapa tem 43 centros de pesquisas distribuídos pelo território brasileiro. Nós atuamos em todos os biomas. Eu queria chamar a atenção para o trabalho que estamos fazendo no trigo tropical. É uma cultura típica de clima temperado. E uma das principais variedades de trigo adaptadas ao Cerrado. O teor de proteína é quase o dobro do que é produzido em outras regiões do Brasil. O país, hoje, produz em 200 mil hectares do Cerrado. Só temos, aproximadamente, 2 mi-

Ministro Tereza Cristina/CPA/Press



A economia de base biológica, ou bioeconomia, é uma das prioridades da Embrapa para o biênio 2020/2021”

lhões de hectares de trigo no país. Só no Cerrado, temos oportunidade de dobrar a área de trigo no Brasil. Ou seja, podemos ser autossuficientes nesse setor.

Como está o orçamento da Embrapa com a crise causada pela pandemia?

Em algum momento, vamos precisar fazer ajuste no nosso orçamento. Até agora, não recebemos nenhuma sinalização de redução. Com o apoio da ministra Tereza Cristina e do Congresso Nacional, o orçamento de 2020 da Embrapa foi praticamente confirmado como o mesmo de 2019. Mas, entendemos que, tendo em vista os proble-

mas enfrentados no Brasil, alguns ajustes serão necessários. Por enquanto, seguimos com o mesmo orçamento confirmado. Mas, estamos nos aproximando cada vez mais do setor privado. Reuni-me esta manhã com empresas que estão interessadas em investir em tecnologia, inclusive, no Cerrado.

Como está a relação com a China?

A ministra Tereza Cristina conversou com o embaixador chinês para apurar as arestas. O Sr. acha que ela teve sucesso? Credo que sim, a ministra é muito habilidosa. Ela tem feito um trabalho espetacular. Durante um ano e meio de gestão, ela

abriu cerca de 60 novos mercados para produtos brasileiros. A China é o principal parceiro comercial do Brasil, principalmente quando a gente pensa no agronegócio. Aproximadamente 70% da soja é exportada para eles. Temos que seguir fortalecendo essa parceria. Eu tenho defendido que, com o olho na China, não podemos perder outros parceiros do Sudeste Asiático e, inclusive, o continente africano.

No Oriente Médio, vivemos a abertura de novos mercados. Como o país está expandindo sua presença internacional?
Foram abertos novos mercados no Egito para o feijão, no Kuwait e outros países da região. Eu estive, no fim do ano passado e no início deste ano, em Doha, no Catar e nos Emirados Árabes Unidos, sobretudo para atuar na África. Eu já disse em outras oportunidades que o Brasil não pode deixar de estar presente no continente africano. Porque ele está bem no meio do caminho entre nós e nosso principal cliente, que é a China. Mais do que um entreposto, a África tem 60% das terras agrícolas do mundo. A savana africana tem várias similaridades com o Cerrado brasileiro. Nem tudo que é desenvolvido para cá pode ser levado para lá, mas a Embrapa, como domina essa área, pode trazer ao continente africano e abrir oportunidades.

De que forma a pandemia afetou a exportação brasileira?
Os dados até abril não demonstravam um impacto significativo nas exportações brasileiras. Ainda não temos dados sobre o pior período da pandemia, que foi após abril. Mas, o que a gente percebe é que essa situação vai trazer a questão dos “S” e o primeiro e sustentável, que já estamos acompanhando a segunda e a sanidade de rebanho, a gente observa como alguns vírus são transmitidos de rebanhos para humanos; e o terceiro é a saúde humana. Eu entendo que a busca por esses “S” está no centro da agenda para os próximos anos.

*Estagiário sob a supervisão de Odair Figueiredo

A autossuficiência em trigo

O Brasil está caminhando para tornar-se autossuficiente em trigo e até exportador do cereal. Nas últimas décadas, houve momentos em que, sustentado por pesquisas e estímulos, o rápido crescimento da produção do cereal, indispensável para a indústria de panificação e de massas, chegou a sugerir que o País deixaria de depender da importação do produto, principalmente da Argentina. Mudanças de políticas para a cadeia do trigo — produção, processamento, distribuição, comercialização —, no entanto, resultaram em drásticas quedas da produção após períodos de safras recordes. Desta vez, há elementos muito fortes que podem garantir crescimento rápido e contínuo da produção.

Novas áreas de cultivo, com características de solo e de clima adequadas à triticicultura e com variedades adaptadas a essas condições e mais resistentes a pragas, já registram produção crescente, com produtividade acima da média nacional, e se mostram muito promissoras para a rápida expansão dessa cultura. No Cerrado, cerca de 200 mil hectares são utilizados para o cultivo do trigo com variedades desenvolvidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). E de lá, como mostrou reportagem do Estado, que pode vir o grande salto da produção brasileira de trigo.

De acordo com o mais recente *Acompanhamento da Sa-*

fra Brasileira da Embrapa, relativo a outubro, 2.334 mil hectares foram cultivados com trigo, cuja produção é estimada em 6.833,7 mil toneladas. Na Região Centro-Oeste, diz o relatório, “a cultura tem se adaptado às condições de cerrado, principalmente após anos de investimentos e pesquisas no âmbito do melhoramento genético e no manejo do solo, da água e da planta”. Entre as áreas que demonstraram bom resultado nas últimas safras, a Embrapa cita Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal, onde a produtividade tem sido acima de 3.000 quilos por hectare (a média da atual sa-

Calor e seca ajudam a fazer do Cerrado um polo que pode duplicar a produção nacional

fra é de 2.927 kg/ha).

Já há algum tempo, a Embrapa vem prevendo que, com o desenvolvimento das pesquisas e a transferência de novos conhecimentos ao setor produtivo, o Brasil pode produzir trigo além de sua demanda doméstica. Neste ano, a Embrapa estima o consumo doméstico de trigo em 12.498,1 mil toneladas, e as importações devem alcançar 6.700 toneladas. Isso significa que, na atual safra, o Brasil produzirá pouco mais da metade do que consumirá. Nos últimos anos, a produção tem ficado muito próxima da metade do que o País consome.

A produção nacional de trigo oscilou muito nas últimas décadas. Em alguns momentos, co-

mo depois da segunda metade da década de 1970, o aumento se deveu em grande medida ao avanço das pesquisas (a Embrapa Trigo foi criada em 1974). Em outros, a medidas de proteção ao produto nacional decididas pelo governo.

Assim, em 1988, a produção nacional respondeu por 85,9% do consumo, de 6.678,9 mil toneladas, de acordo com estatísticas do IBGE. Foi a maior fatia que o produto nacional conquistou do consumo doméstico. Sete anos depois, como consequência da abertura de todo o segmento do trigo decidida pelo governo Collor, o produto nacional respondeu por apenas 19,8% do consumo nacional de 7.756,4 mil toneladas. Diante de novos riscos, o produtor nacional havia optado por outras culturas.

Agora, há condições técnicas, climáticas e econômicas muito sólidas, que tornam a triticicultura mais livre de eventuais interferências do poder público. A meta é alcançar 1 milhão de hectares cultivados com trigo no Cerrado, área cinco vezes maior do que a utilizada na atual safra.

Variedades adaptadas ao clima e resistentes à brusone, doença comum na região, utilizadas com técnicas avançadas de manejo de cultura resultam em espécies mais tolerantes à seca e ao calor. No Sul, as chuvas podem coincidir com a colheita, o que resulta em perda de produtividade e qualidade. No Cerrado, a seca durante a colheita, o período de estiagem bem definido e o forte calor durante o dia reduzem o intervalo entre plantar e colher.


Correio Braziliense, 4 de julho de 2020

O Estado de SP, 30 de novembro de 2020

Trigo irrigado no Cerrado bate sucessivo recorde mundial de produtividade com cultivar da Embrapa

 Tweetar

 Compartilhar 2 mil

 Share



 Imprimir

Foto: Julio Albrecht



As altas produtividades de trigo no Cerrado podem levar o Brasil nos próximos anos a ser autossuficiente na produção do grão. E isso se deve, em grande parte, ao cultivo em dois sistemas de produção: trigo irrigado e trigo de safrinha na região. **A cultivar de trigo irrigado BRS 264, desenvolvida pela Embrapa e que ocupa 70% da área cultivada com trigo na região, bateu novamente o recorde mundial de produtividade diária: 9.630 kg/ha, isto é 80,9 kg/ha/dia, ou 160,5 sc/ha, colhidos pelo produtor Paulo Bonato, de Cristalina (GO).**

O produtor já era o recordista mundial de produção de trigo por hectare/dia. Em setembro de 2020, ele colheu 8.544 kg/ha, isto é 74,9 kg/ha/dia, ou 142,4 sc/ha de grãos da cultivar BRS 264 em uma área de 50,8 hectares sob nível central de irrigação. "Acreditávamos

Entregas – Embrapa 48 anos



Plataforma Aquaplus



Bioinsumo Auras



Cultivar de Algodão



Cultivar de Soja



Cera de carnaúba nanoestruturada

Lançamento – 20 de outubro de 2021*

Uva BRS Melodia chama a atenção no Semiárido

 Tweetar

 Compartilhar 37

 Share



 Imprimir

Foto: José Fernando da Silva Protas



Produção da BRS Melodia nas áreas de Avaliação em Petrolina

Depois do sucesso da uva [BRS Vitória](#), uma nova uva com sabor de frutas vermelhas, lembrando morango, a [BRS Melodia](#), atraiu a atenção ao ser testada nos parreirais do semiárido nordestino. Além dos sabores diferenciados, que conquistam consumidores, as duas cultivares de uva também têm em comum a sua origem: são resultado do [Programa de Melhoramento Genético Uvas do Brasil](#), coordenado pela [Embrapa Uva e Vinho](#).

“Estamos investindo na criação de uvas sem sementes, tipo *gourmet*, com sabores especiais, como o da BRS Melodia, para dar novas opções para os produtores brasileiros aumentarem a sua competitividade”, destaca [João Dimas Garcia Maia](#), um dos coordenadores do [Programa de Melhoramento](#) da Embrapa, que existe há 43 anos. Dimas comenta que as novas cultivares são desenvolvidas a partir de cruzamentos tradicionais que usam como base mais de 1500 exemplares do Banco Ativo de Germoplasma.

usam como base mais de 1500 exemplares do Banco Ativo de Germoplasma.



Impactos

Balanço Social 2020

Lucro
social de
R\$ **61,85**
bilhões



41.475

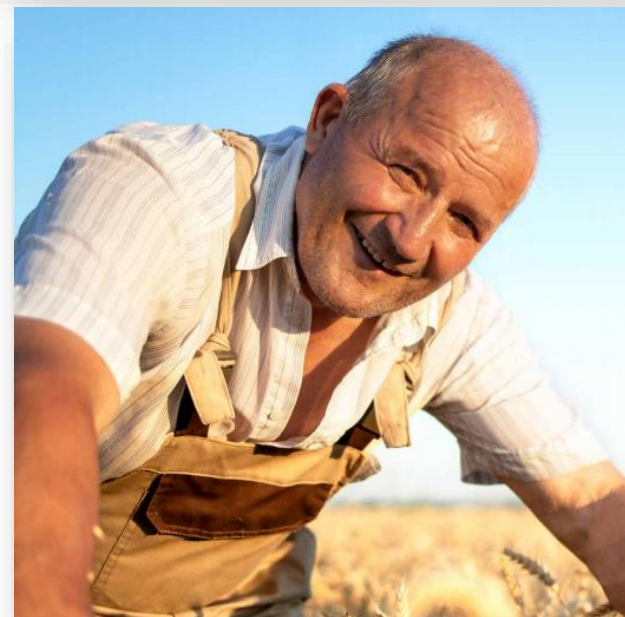
empregos novos
criados em 2020



Cada real
aplicado gerou

R\$ **17,77**

para a sociedade
brasileira



Embrapa

48 anos

Por que é estratégico descarbonizar a agricultura brasileira?



Uma mudança estrutural nas finanças

Risco climático é risco de investimento



Laurence Fink

“Em carta enviada hoje aos nossos clientes, a BlackRock anunciou uma série de iniciativas para posicionar a sustentabilidade no coração da nossa estratégia de investimento”

“Não existe nenhum negócio, nenhum setor da economia que não será afetado pelas mudanças do clima até 2050”

A consolidação de métricas de sustentabilidade...



Meio Ambiente

Métricas para mudanças climáticas, eficiência energética, esgotamento de recursos, gestão de água e resíduos.



Social

Métricas para as relações com funcionários e comunidades, diversidade, qualidade de vida, melhorias no conhecimento e avanços em tecnologias promotoras da sustentabilidade.



Governança

Métricas para mitigação de riscos relacionados a corrupção, diversidade dos conselhos, remuneração de executivos, padrões de contabilidade e direitos dos acionistas, comportamento corporativo.

Presidente da COP26 conhece práticas sustentáveis da agricultura brasileira na Embrapa Cerrados



Foto: Breno Lobato



Acompanhado de Fernando Camargo e Celso Moretti, Alok Sharma (de branco) visitou a Embrapa Cerrados e conheceu a experiência brasileira com agricultura sustentável

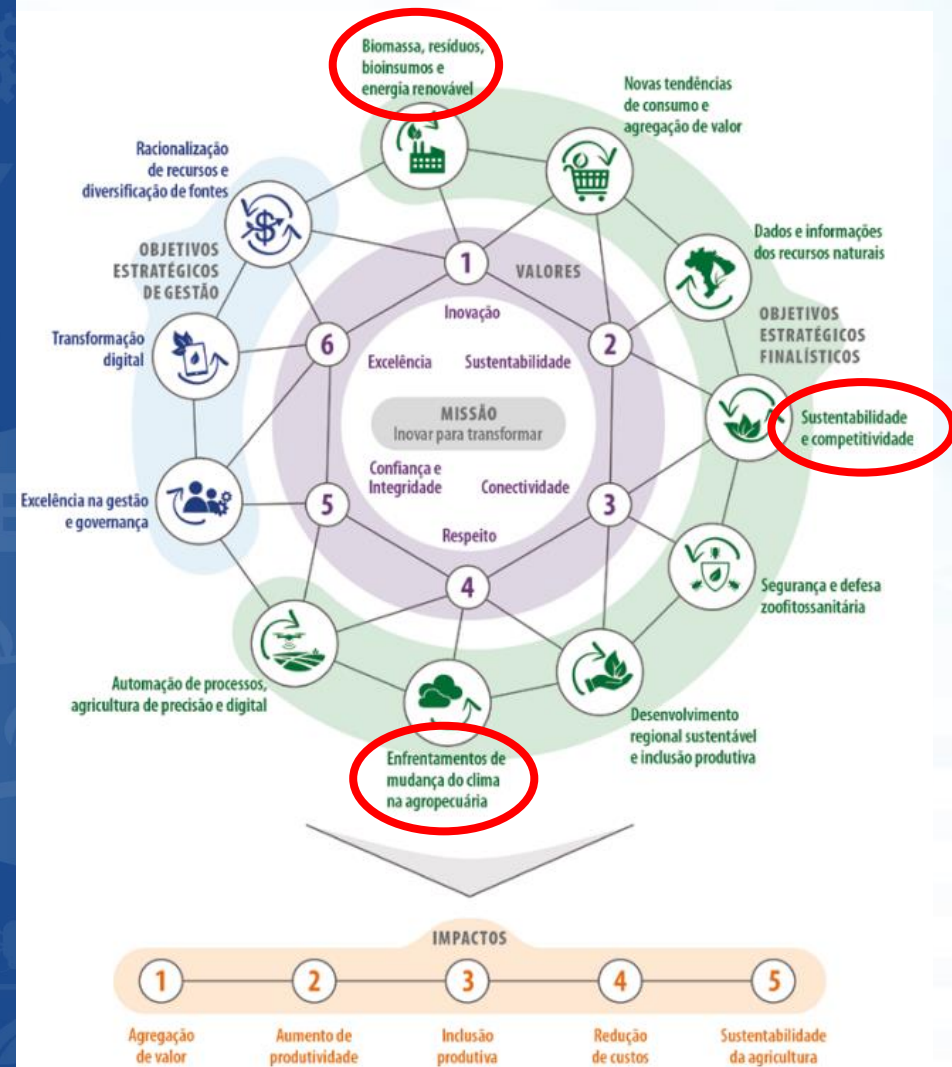
Alok Sharma, presidente da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26), visitou a Embrapa Cerrados (DF) na manhã de hoje (5). O britânico veio ao Brasil para participar de um evento promovido pela embaixada do Reino Unido e cumprir uma agenda de reuniões com autoridades governamentais, empresários e representantes da pesquisa e de movimentos sociais e ambientais.

No centro de pesquisas, Sharma esteve acompanhado por Peter Wilson, embaixador do Reino Unido, por Fernando Camargo, secretário de Desenvolvimento Rural e Inovação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), por Celso Moretti, presidente da Embrapa, e por Sebastião Pedro da Silva Neto, chefe-geral da Embrapa Cerrados, além de integrantes da área de clima da embaixada britânica.

A descarbonização na agenda da inovação agropecuária



A descarbonização na Agenda de Inovação



Carne Carbono Neutro

CARNE CARBONO NEUTRO

Conheça o conceito de produção de carne em sistemas sustentáveis, com neutralização das emissões de carbono.



[FB.COM/AGROSUSTENTAVEL](https://www.facebook.com/agrosustentavel)

Embrapa

Embrapa

Soja de Baixo Carbono



Leite Baixo Carbono

Em 3 anos - conversão de 20 propriedades leiteiras em produção em diversos biomas e sistemas de produção.



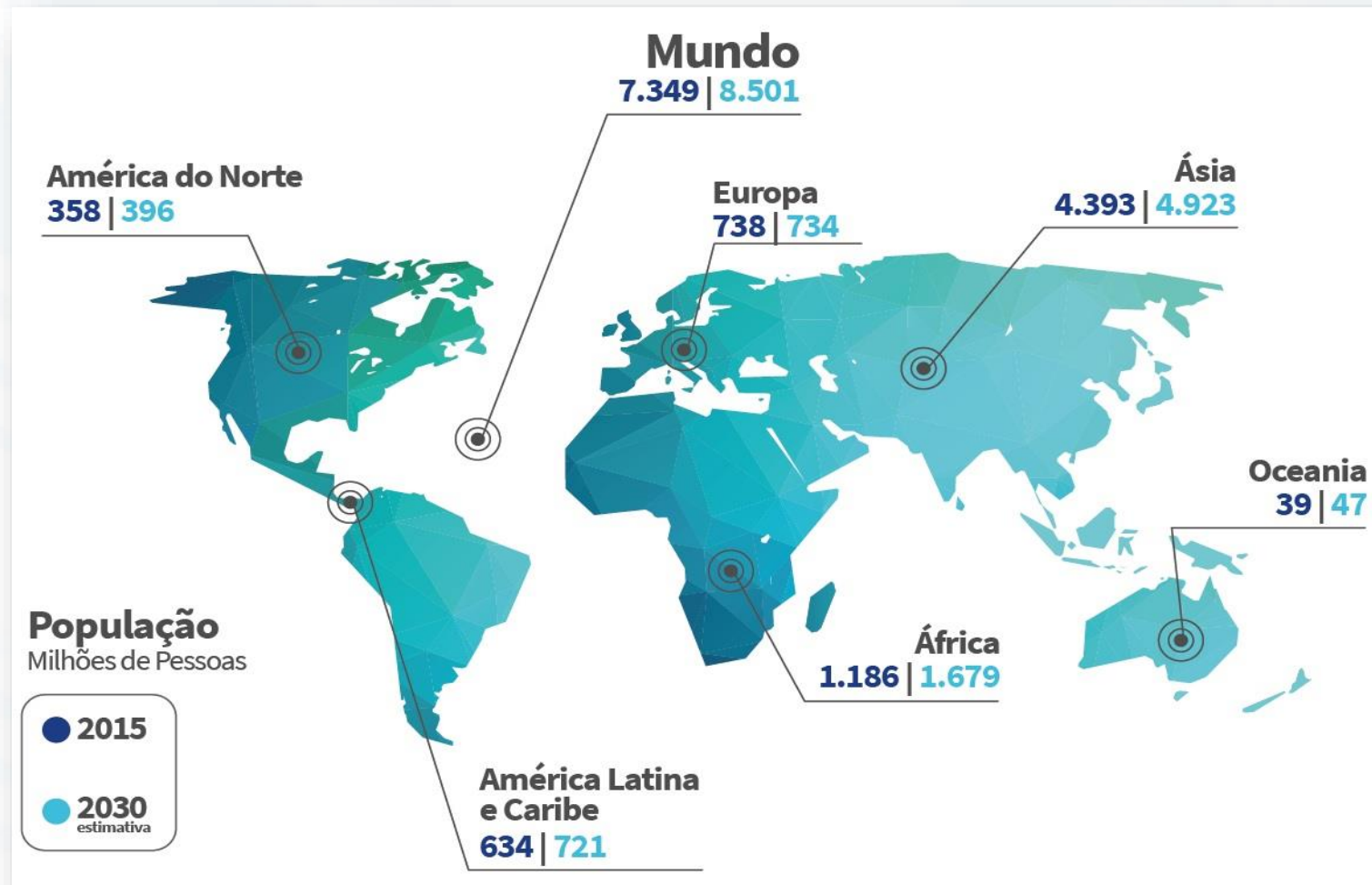
Em desenvolvimento ...

A ciência e a tecnologia contribuirão de forma significativa pra descarbonizar a agricultura, em direção a uma economia neutra em carbono

- ✓ Café de baixo carbono – primeiros resultados já disponíveis
- ✓ Algodão de baixo carbono – estudos iniciados
- ✓ Couro carbono neutro - estudos iniciados
- ✓ Bezerros baixo carbono - estudos iniciados
- ✓

Perspectivas futuras

Cenários para 2030



População + Urbanização + Renda + Longevidade + Padrões de consumo

Aumento de demanda por: Alimentos, Energia e Água

Agricultura movida a ciência...

"Cérebros, e não tratores, são o símbolo da agricultura brasileira"

Eliseu Alves

[FB.COM/EMBRAPA](https://www.facebook.com/embrapa)

Embrapa

Embrapa

Embrapa

48 anos

Celso L. Moretti

Presidente

www.embrapa.br
facebook.com/embrapa
twitter.com/embrapa

